



6

MARIA

magazine

O HUMOR NÃO TEM
QUE TER GRAÇA,
BASTA QUE FALE
AO ESPÍRITO!

ENTÃO
TEMOS QUE SER
MEDIUM?



O propósito de fazer uma revista humorística é o que move a *Maria Magazine*, trazendo a lembrança de antigas e memoráveis revistas, como *Patota*, *Eureka*, *Grilo*, *O Bicho* e *Fradim*, ou da mais recente *Chiclete com Banana*. Não pretendemos fazer comparações, mas nos inspirar no melhor que o gênero já produziu no país e que, infelizmente, sumiu por completo das bancas.

A *Maria Magazine* apoia-se no repertório da editora Marca de Fantasia, que traz em seu elenco alguns dos expoentes das tiras humorísticas nacionais, como é o caso de Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes, com a personagem *Katita*. A revista também garante espaço aos novos quadrinistas paraibanos, divulgando e registrando seus trabalhos. Nesta edição traz o instigante personagem *Espedito*, de Ricardo Jaime.



- 3 - Rendez-vous - Henrique Magalhães
- 12 - O que nos faz rir em Espedito
- 24 - A singela provocação de Katita



MARIA

Nº 6
maio de 2015
ISSN 1518-1669

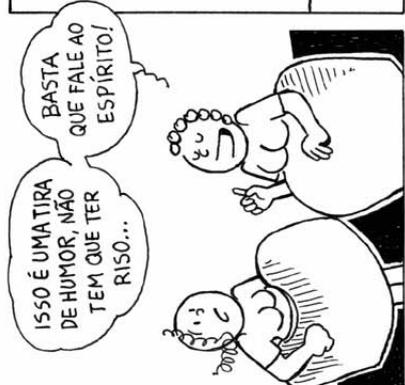
Autor e editor: Henrique Magalhães. Rua Maria Elizabeth, 87/407. João Pessoa, PB. 58045-180.
www.marcadefantasia.com, marcadefantasia@gmail.com

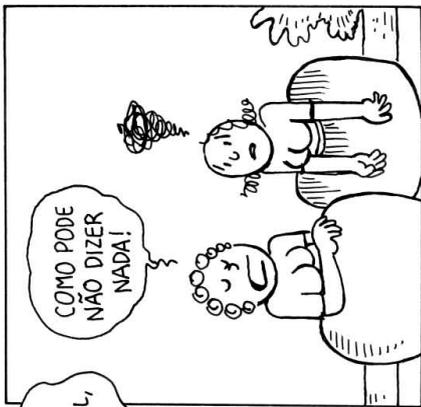
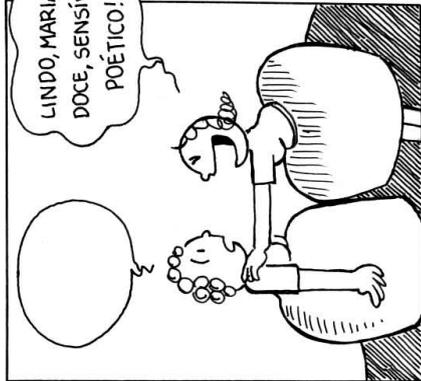
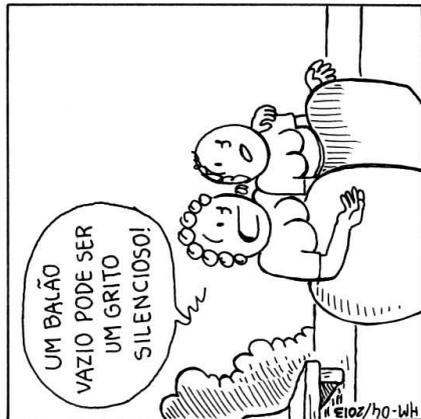
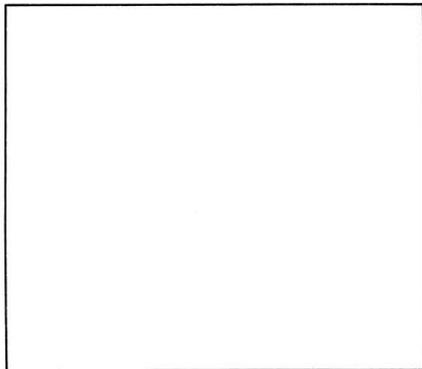
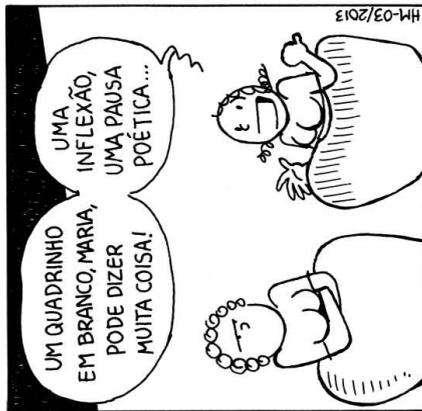
A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia - CNPJ 19391836/0001-92 e um projeto de extensão do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB.

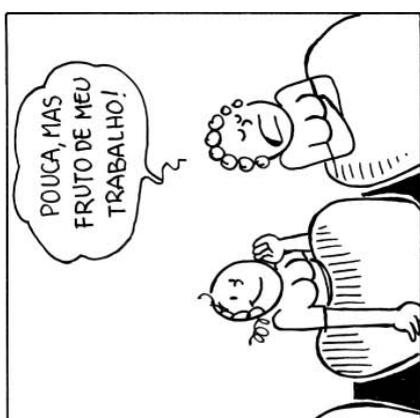
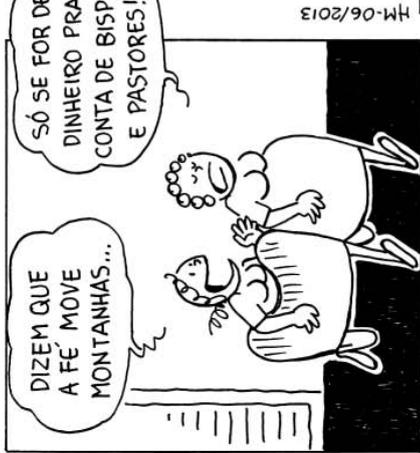
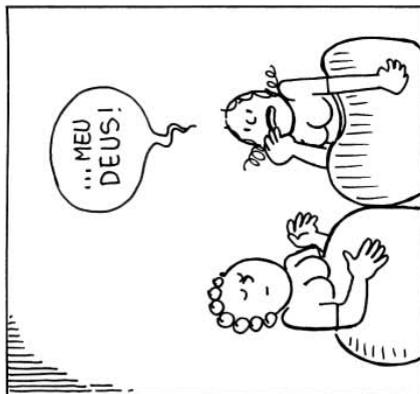
Colaboram nesta edição: Anita Costa Prado, Ricardo Jaime e Ronaldo Mendes.

Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações, cartuns e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.

RENDEZ-VOUS - Henrique Magalhães









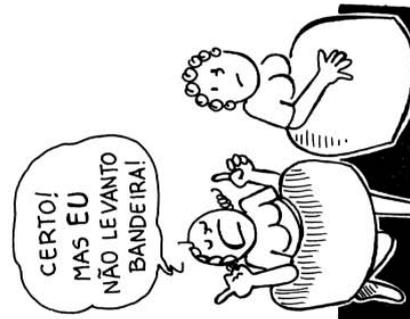
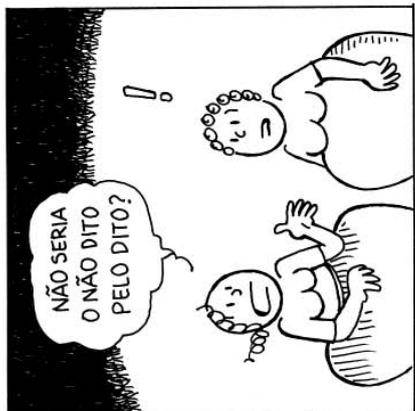
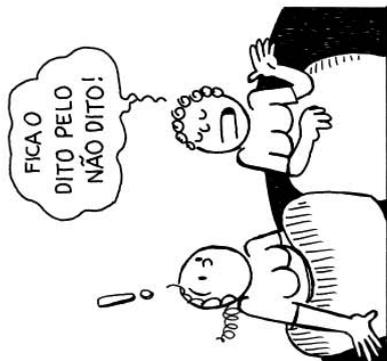


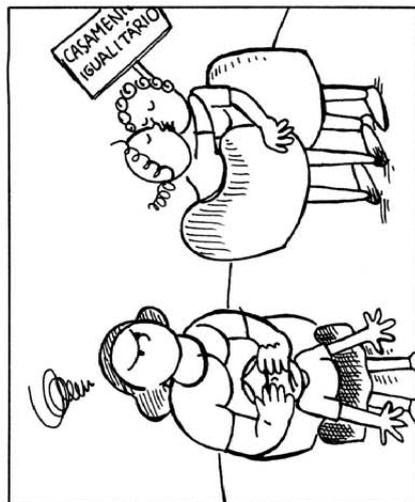
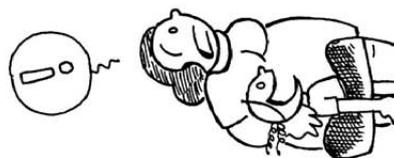
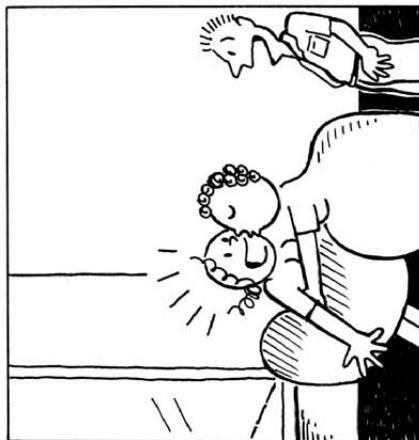
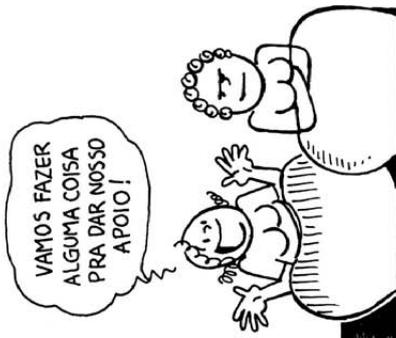
HM-09/2013

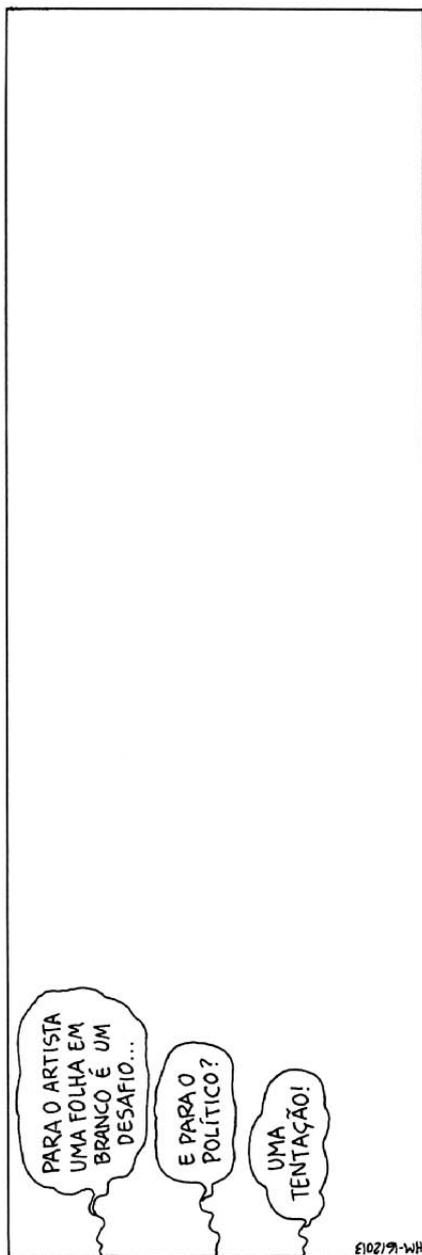
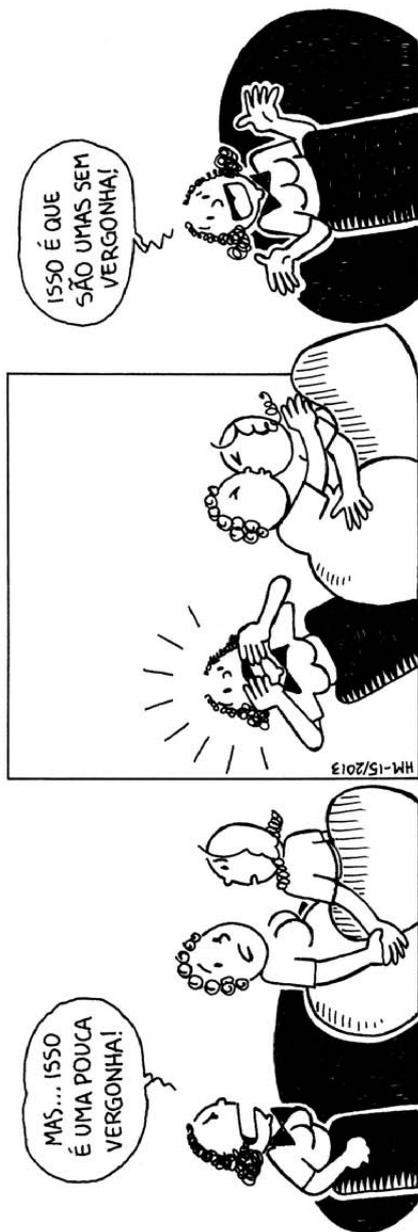


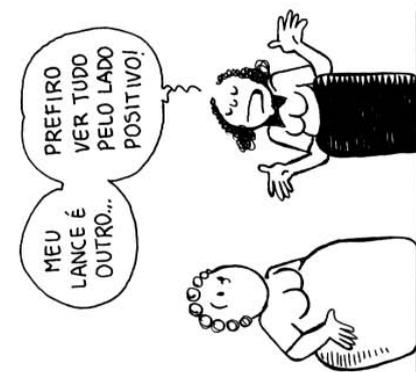
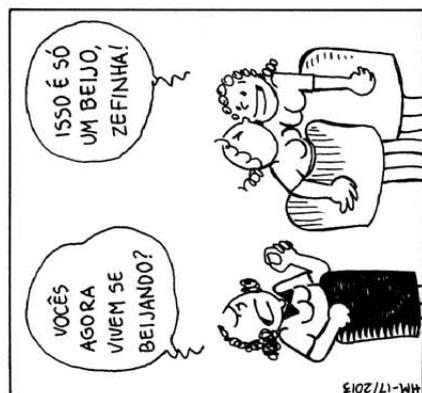
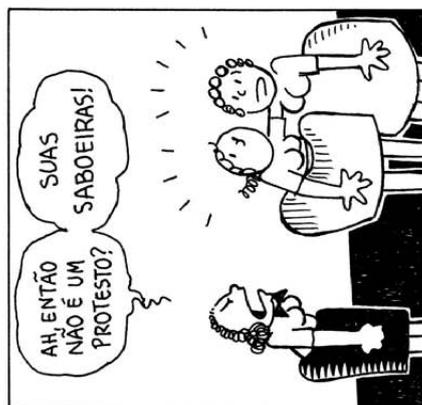
HM-10/2013











O que nos faz rir em Espedito

Os quadrinhos paraibanos não param de nos surpreender. Desde sua origem, em 1963, com o *Flama*, de Deodato Borges, de tempos em tempos surge uma leva de novos autores e, evidentemente, novos personagens, trazendo os traços e perfis mais variados. *Espedito*, de Ricardo Jaime, é um dos novos; criado em 2003, já teve o mérito de ganhar sua própria revista em 2012.

Espedito, “o verdadeiro workaholic”, é o clássico personagem de humor construído sobre uma virtude ou um desvio de personalidade. No caso da criação de Ricardo, é um típico funcionário de repartição pública que se enrola com montanhas de papéis e jamais dará conta de expedir tanto trabalho. O achado maravilhoso do nome do personagem vem daí, da contradição do significado do termo “expedir” com a falta de celeridade do personagem.

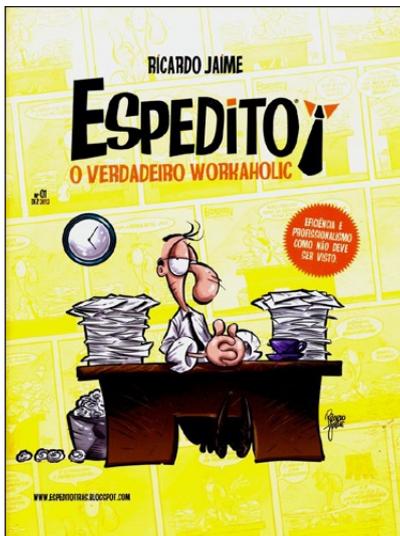
Assim como *Espedito*, Ricardo enfrenta o desafio diário - a tira é publicada regularmente em seu blog - de ser criativo para inventar desculpas para seu personagem, para mascarar a ineficiência deste, que busca sempre uma saída mirabolante para se safar. O desafio não é pequeno, já que o autor lida com um ambiente claustrofóbico de um birô empilhado de papéis que prende seu personagem num cenário quase sempre repetitivo, criando redundância com o próprio espírito da tira.



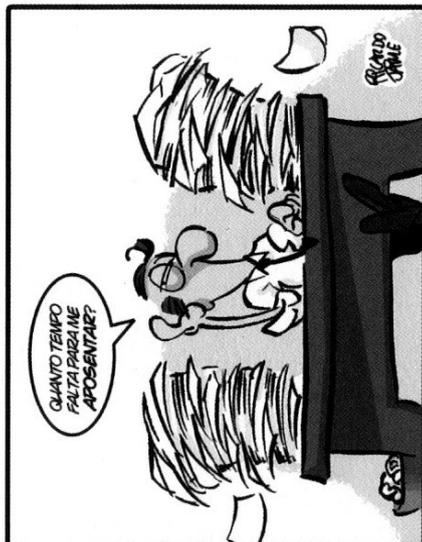
Apesar de *Espedito* ser quase um fantasma que nos atormenta na vida real sempre que temos que lidar com os incontornáveis serviços burocráticos, não há como não se comover com a figura canhestra e ao mesmo tempo simpática desse personagem, que consegue o feito de trazer uma lufada de bom humor a um meio que nos provoca tanto dissabor. Com *Espedito* aprendemos a ter um pouco mais de paciência com os funcionários públicos, em particular, e conosco mesmo, ao nos colocarmos eventualmente com a carga de executar serviços maçantes a que nos submetemos.

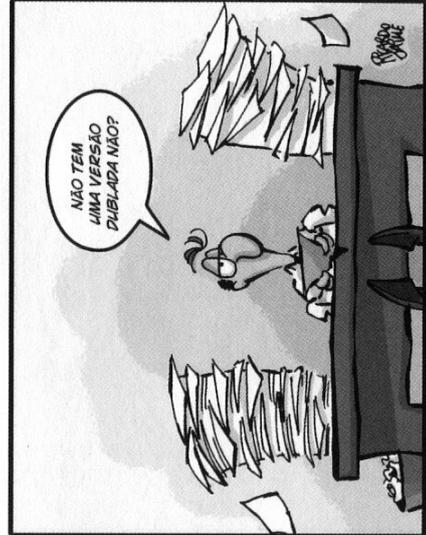


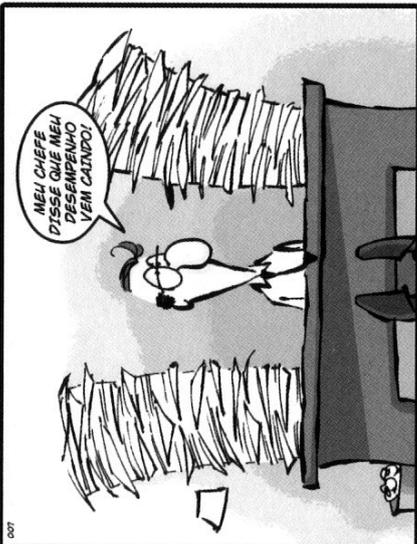
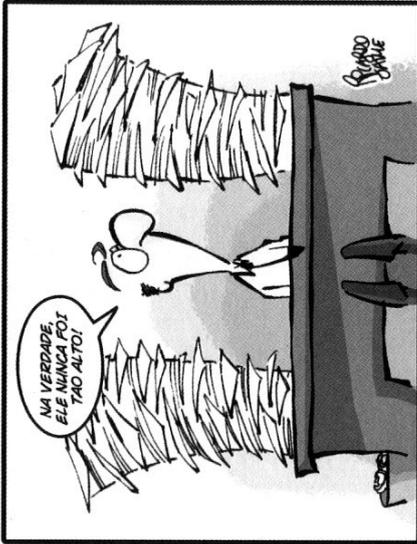
Um pouco de malandragem, jeito de corpo, dissimulação, que infelizmente tanto tocam ao caráter do brasileiro, é o que nos faz rir em *Espedito*. Rimos das imperfeições dos outros porque aprendemos a rir de nós mesmo. HM



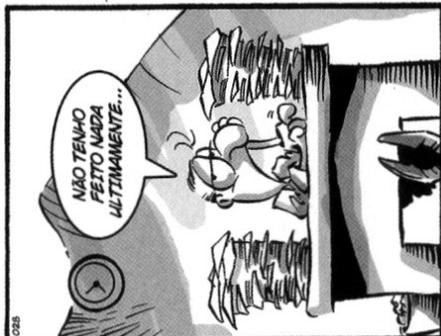
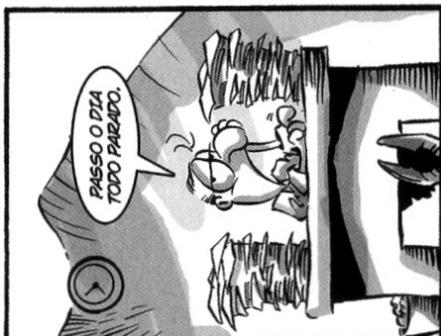
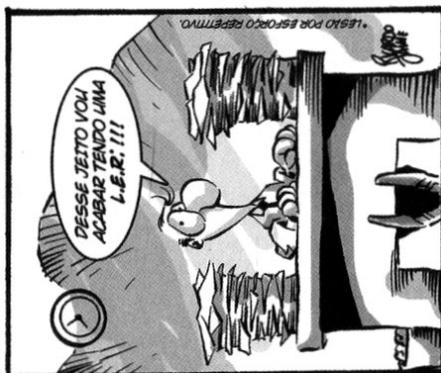
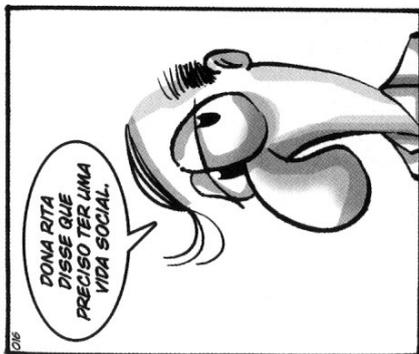
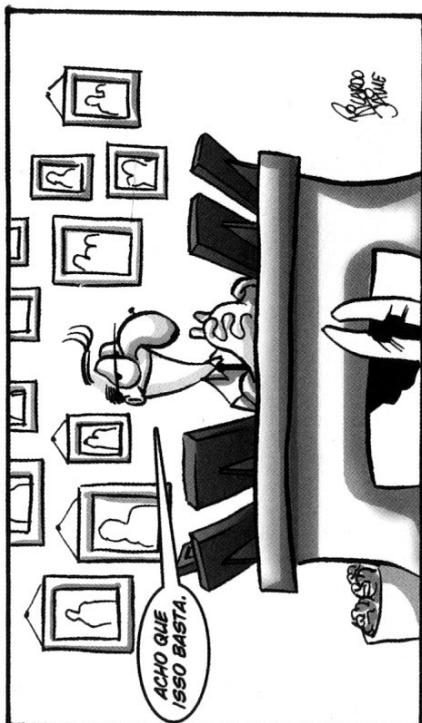
www.espedito.blogspot.com

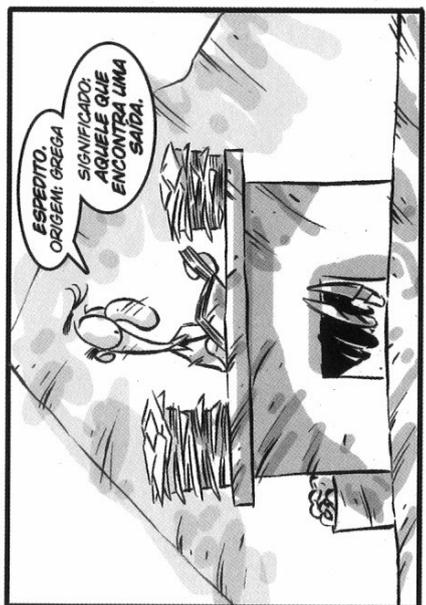
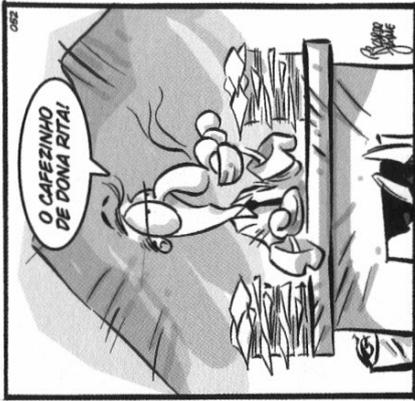


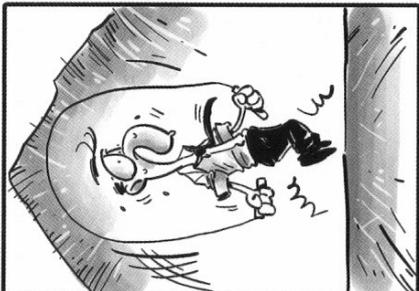
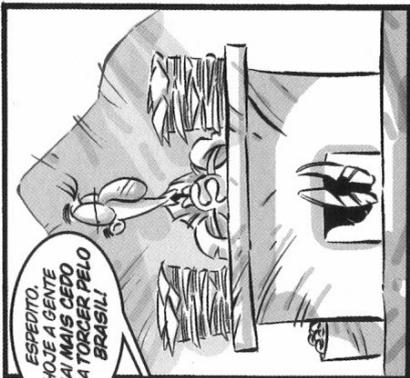
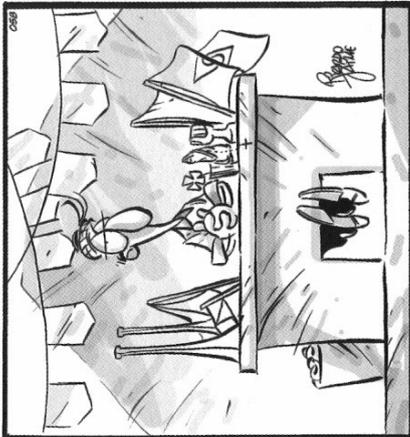


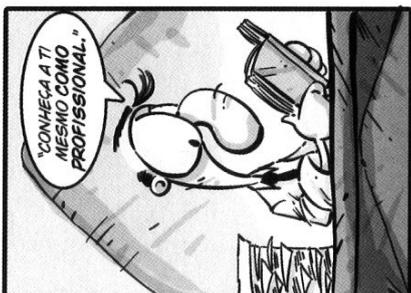
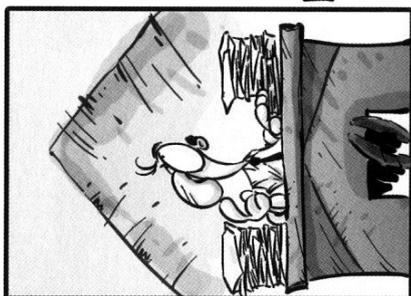
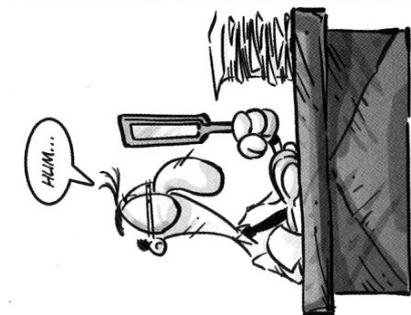
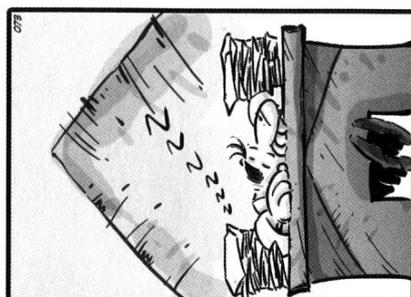
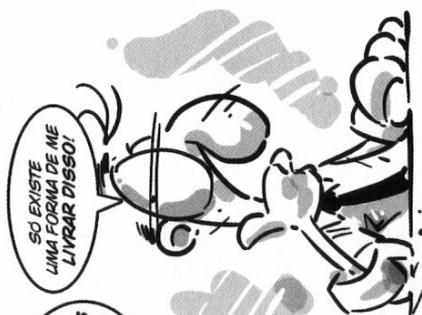
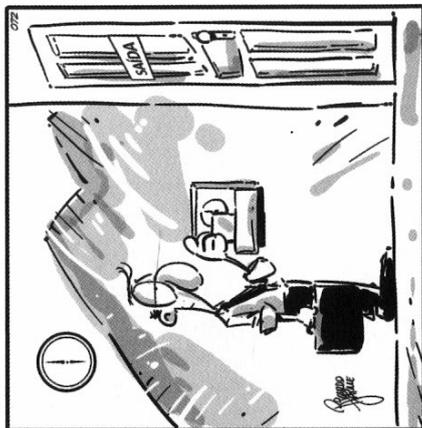


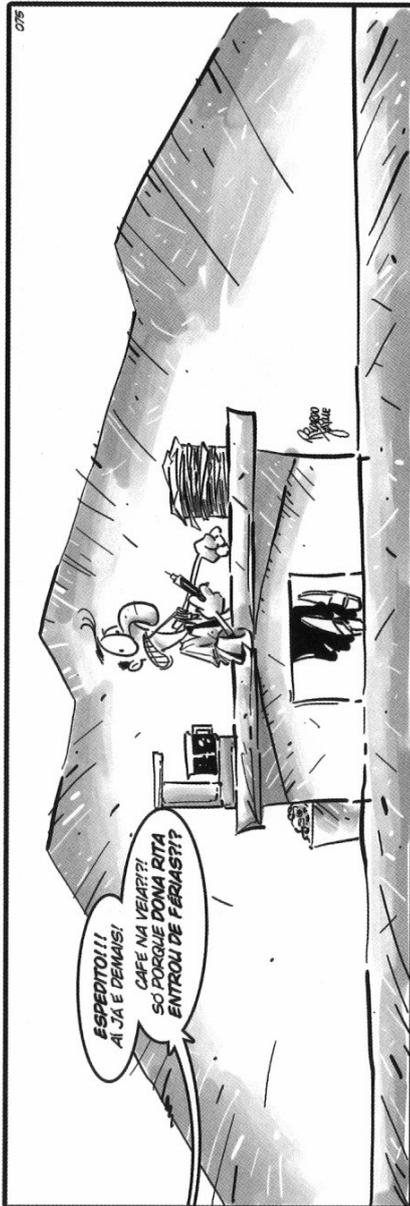
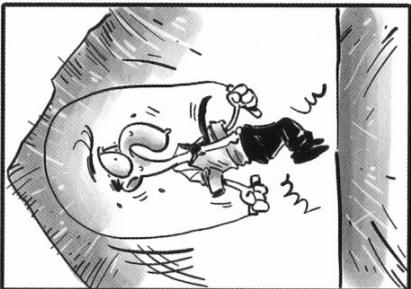
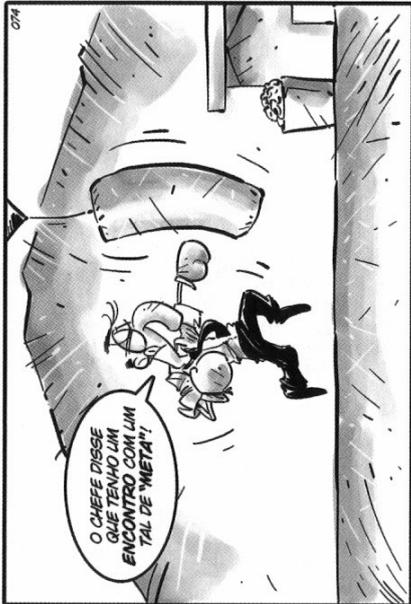


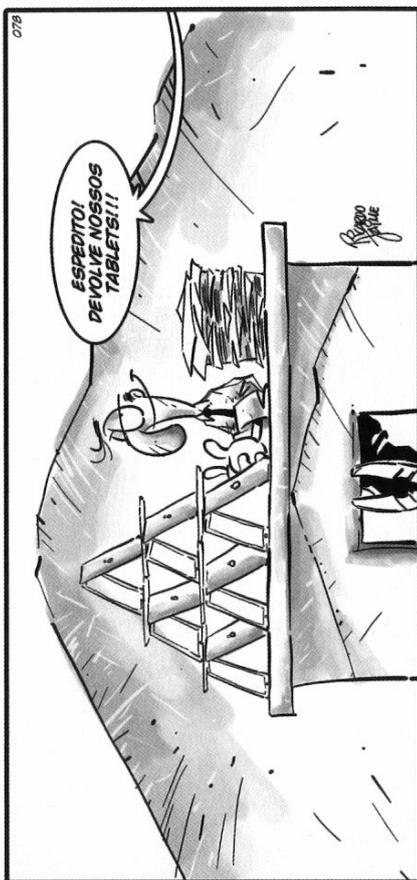
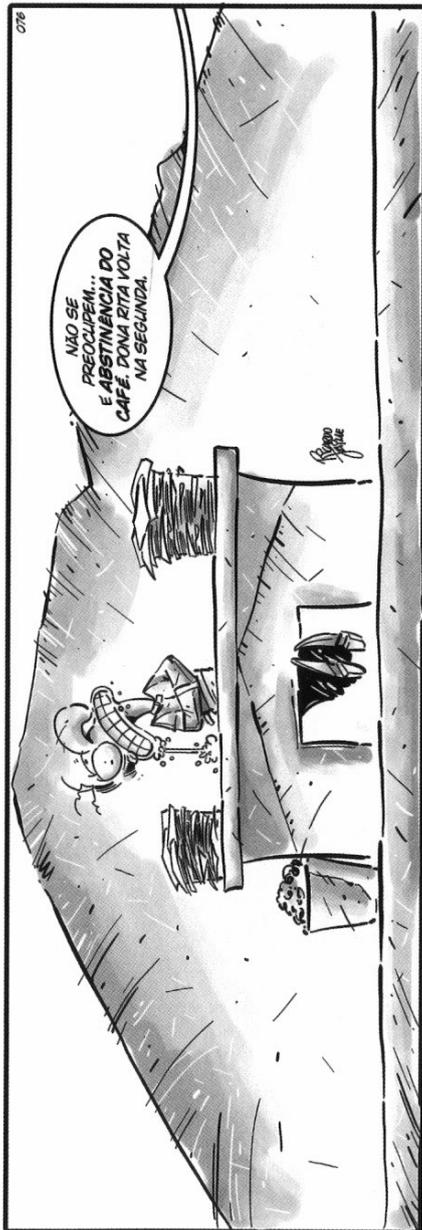












A singela provocação de Katita

Katita, criada por Anita Costa Prado, com desenhos de Ronaldo Mendes, não é, absolutamente, uma personagem comum. Também pouco uma personagem fácil, consensual. O universo da homossexualidade, que é seu tema central, é raramente abordado em nossos quadrinhos, e muito menos quando se trata da homossexualidade feminina. Lembremo-nos que o meio é dominado quase que exclusivamente pelos homens, e não raro percebemos um ranço machista em sua produção, em suas piadas, e mesmo em suas conversas informais do cotidiano. A presença de Anita e *Katita* nesse universo vem sacudir o marasmo do senso comum e provocar um certo grau de tensão.

Antes de *Katita* tivemos algumas incursões da personagem *Maria*, de nossa autoria, no universo lesbiliano, seja explicitamente, no



álbum *Amor: a maior das sub-versões*, de 1983, seja de forma sub-reptícia, nas entrelinhas de sua relação amigável e carinhosa com a personagem *Pombinha*. No entanto, é em *Katita* que a homossexualidade se mostra de forma mais vigorosa e espontânea, como um grito de afirmação da legitimidade de um desejo que, apesar dos ventos liberais que vivemos nos dias atuais, continua um sentimento enquadrado no cômputo das coisas malditas.



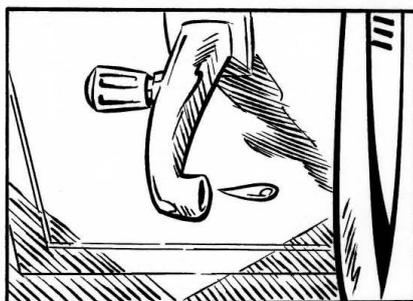
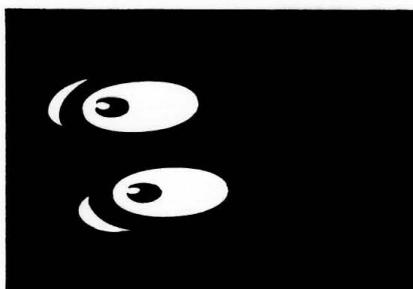
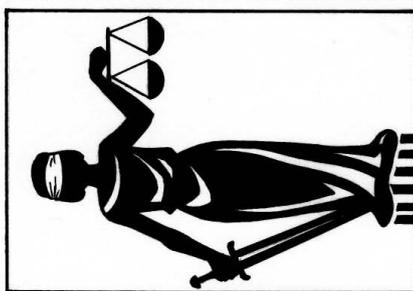
Anita Costa Prado
e Ronaldo Mendes

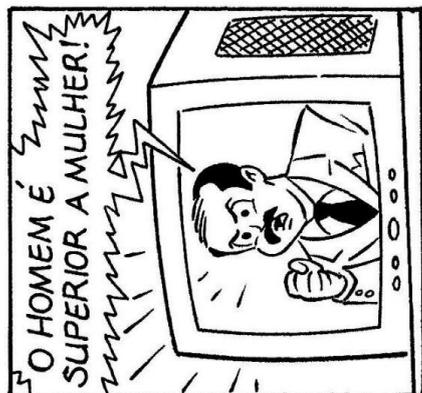
Anita trabalha com precisão esta contradição de nossa sociedade, que persiste em se resguardar moralista num mundo pleno de permissividade. As tirinhas de *Katita* são quase sempre irônicas em seu protesto contra a hipocrisia, a estupidez, a ignorância e todo gênero de preconceito. O humor tem esta capacidade eficaz de tocar em temas espinhosos sem chocar demasiadamente. É desta característica tão cara às tirinhas brasileiras que Anita tira proveito, trazendo ao primeiro plano o amor entre as mulheres num mundo onde é comum as mulheres não passarem de companheiras dos homens, a ocupar um lugar secundário na vida real e em sua representação gráfica, nas histórias em quadrinhos.

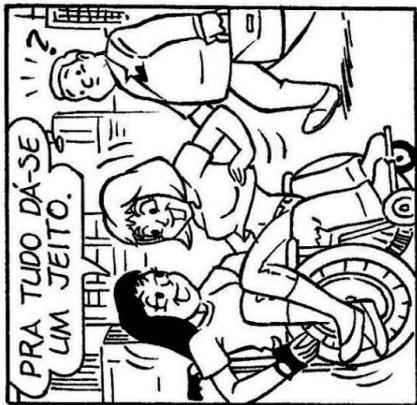
Em 2007 o álbum *Katita, tiras sem preconceito*, lançado pela editora Marca de Fantasia no ano anterior, ganhou em duas categorias o prêmio Angelo Agostini, um dos mais prestigiosos dos quadrinhos nacionais. Esse reconhecimento da crítica só reforçou a trajetória da personagem, já tão aclamada pelo público. HM

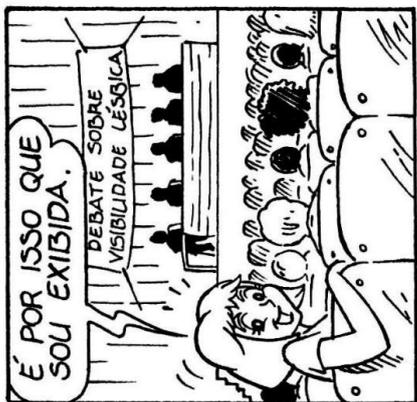
O premiado álbum de *Katita*



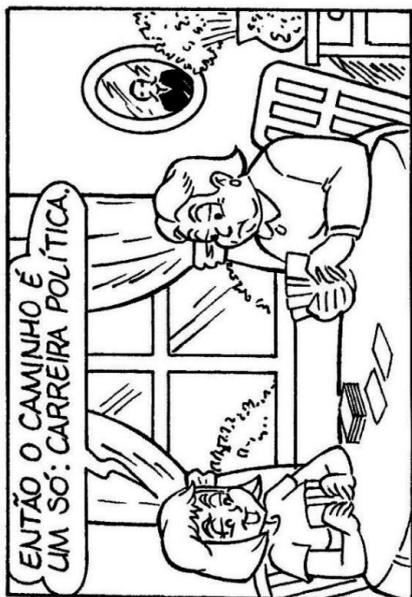


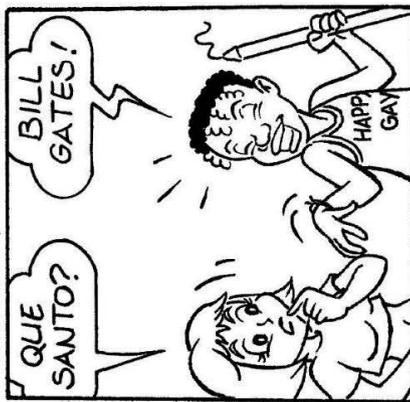


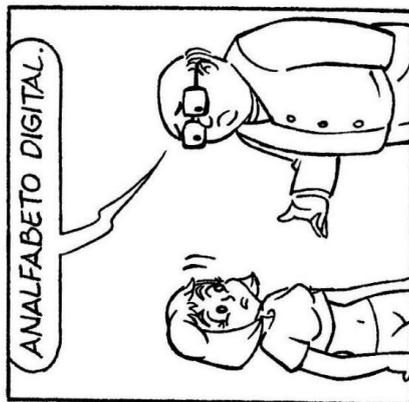
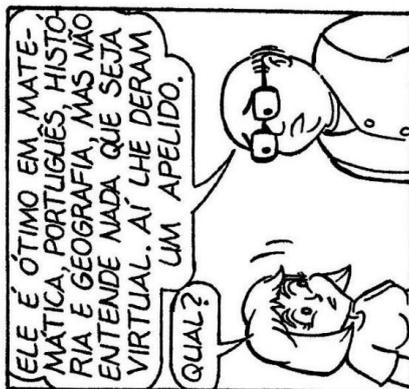












Maria em revista

